

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

MARIANA FRUGERI SILVA

Levantamento da realização do sujeito pronominal em entrevistas
televisionadas: resultados iniciais

São Carlos - SP
2024

MARIANA FRUGERI SILVA

Levantamento da realização do sujeito pronominal em entrevistas
televisionadas: resultados iniciais

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura em Letras da Universidade
Federal de São Carlos, para obtenção do
título de Licenciada em Letras -
Português/Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Carnielli
Biazolli

São Carlos - SP

2024

Silva, Mariana Frugeri

Levantamento da realização do sujeito pronominal em entrevistas televisionadas: resultados iniciais / Mariana Frugeri Silva -- 2024.
38f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Caroline Carnielli Biazolli
Banca Examinadora: Marcus Garcia de Sene, Letícia Gaspar Pinto
Bibliografia

1. Sujeito pronominal nulo. 2. Sujeito pronominal preenchido. 3. Gênero entrevista televisionada. I. Silva, Mariana Frugeri. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
Centro de Educação e Ciências Humanas
Curso de Licenciatura em Letras

Folha de aprovação

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da candidata Mariana Frugeri Silva, realizada em 16/02/2024.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Avaliador: Prof. Dr. Marcus Garcia de Sene
Universidade de Pernambuco – UPE

Avaliadora: Profa. Ma. Letícia Gaspar Pinto
Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' – UNESP/FCLAr

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli, por ter aceitado estar nessa jornada comigo, por ter me inspirado durante a graduação, e continuar inspirando, como um exemplo de profissional competente, dedicada e gentil como é. Por ter me acompanhado e me acolhido em grupos tão importantes para a minha formação, como o Programa de Residência Pedagógica e o SoLar.

Agradeço também à minha família, em especial aos meus pais e à minha irmã, por terem sempre acreditado em mim e me dado forças para viver as mudanças: de cidade, de país, de abertura e de encerramento de ciclos. Vocês são a base de todo o meu ser.

Agradeço à República MinaMora, que foi e sempre será minha segunda casa, por terem me acompanhado e me acolhido em todos os risos, choros, medos e realizações durante esses anos. Que nunca nos falte união e amizade para continuar essa história.

Agradeço aos meus colegas de curso e companheiros, porque sei que, mesmo quando distantes, torcem pelo meu sucesso assim como eu pelo deles. Cito aqui o Lucas, a Júlia, o João Pedro, o Daniel, a Rebeca, o Gustavo, a Júlia Eiko, o Thiago, o João Roberto, entre diversos outros, com quem aprendi e tive trocas imensuráveis. Espero poder reencontrá-los em breve.

Agradeço também a disponibilidade dos avaliadores da banca, Prof. Dr. Marcus Garcia de Sene e Profa. Ma. Letícia Gaspar Pinto, por terem aceitado participar deste momento, pelas sugestões e pelas palavras de carinho.

Por fim, agradeço também aos docentes e técnicos da Universidade Federal de São Carlos, por sempre lutarem para proporcionar aos estudantes o melhor do ensino, da pesquisa e da ciência, mesmo em meio a tantas adversidades.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso objetiva realizar um levantamento acerca do número de ocorrências e frequências de sujeito pronominal preenchido e de sujeito pronominal nulo, em textos do gênero textual entrevista televisionada, produzidos no ano de 2009. Para isso, apresentamos o fenômeno da realização do sujeito pronominal, com base em estudos que já discorreram sobre ele, considerando-o a partir das ideias de Chomsky (1981) e, sobretudo, dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). Os resultados iniciais desta pesquisa, que é de caráter quantitativo, apontam para a confirmação da preferência pelo uso do sujeito preenchido, mais com a primeira e a segunda pessoas do discurso do que com a terceira. Esperamos com este trabalho contribuir para o entendimento do fenômeno no Português Brasileiro, bem como ampliar o interesse de pesquisadores pelo assunto, para que novas investigações sejam desenvolvidas.

Palavras-chave: Sujeito pronominal nulo. Sujeito pronominal preenchido. Números de ocorrências. Frequências de uso. Gênero entrevista televisionada.

ABSTRACT

This final paper aims to survey the number of occurrences and frequencies of expressed pronominal subject and null pronominal subject in texts of the television interview genre, produced in the year 2009. To achieve this, we present the phenomenon of the realization of the pronominal subject, based on studies that have already discussed it, considering it from the ideas of Chomsky (1981) and, above all, from the assumptions of the Theory of Linguistic Variation and Change (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). The initial results of this quantitative research point to the confirmation of the preference for the use of the expressed subject, more with the first and second persons of discourse than with the third. We hope with this work to contribute to the understanding of the phenomenon in Brazilian Portuguese, as well as to increase researchers' interest in the subject so that new investigations can be developed.

Keywords: Null pronominal subject. Expressed pronominal subject. Number of occurrences. Usage frequency. Television interview genre.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO

Quadro 1. Padrões de referência	21
---------------------------------------	----

FIGURAS

Figura 1. Plano cartesiano “ <i>concepção/meio e fala/escrita</i> ” proposto por Marcuschi	24
Figura 2. <i>Programa do Jô</i> , transmitido pela Rede Globo	25
Figura 3. Quadro descritivo dos entrevistados do <i>Programa do Jô</i>	26

GRÁFICOS

Gráfico 1. Dados gerais percentuais de sujeito pronominal nulo e sujeito pronominal preenchido nas entrevistas televisionadas	29
Gráfico 2. Sujeitos pronominais preenchidos (vs. sujeitos pronominais nulos) por pessoa do discurso	32

TABELA

Tabela 1. Ocorrências e frequências de sujeito pronominal nulo (vs. sujeito pronominal preenchido) em cada uma das entrevistas televisionadas	30
Tabela 2. Ocorrências de sujeito pronominal nulo e de sujeito pronominal preenchido por pessoa do discurso nas entrevistas televisionadas	31

LISTA DE SIGLAS

TVM – Teoria da Variação e Mudança Linguísticas

PB – Português Brasileiro

SUMÁRIO

1	Introdução	11
2	Apresentação do objeto de estudo: o sujeito pronominal	15
3	Procedimentos metodológicos	23
3.1	A caracterização do <i>corpus</i> utilizado: a entrevista televisionada	23
3.2	A variável dependente	27
4	Resultados e análises	29
5	Considerações finais	34
6	Referências	36

1 Introdução

Os estudos no campo linguístico sobre o comportamento das línguas naturais, suas variações e mudanças são muito amplos e importantes. No caso da descrição e da análise de fenômenos linguísticos variáveis, os pesquisadores se empenham para identificar as diferentes formas de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade (Labov, 2008 [1972]). Esse trabalho envolve, na maioria das vezes, a detecção de padrões, a indicação de frequência das ocorrências, o estabelecimento de hipóteses e o tratamento de condicionadores que, possivelmente, motivam a realização de uma ou outra forma linguística.

Segundo Bagno (2007 *apud* Oliveira, 2016, p. 30), “a língua é uma atividade social, ela é parte integrante (e constitutiva) da vida em sociedade”. Tendo isso em vista, é indissociável a análise de fatores linguísticos e extralinguísticos para a compreensão dos fatos da língua. Por isso, pesquisadores como Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) desenvolveram uma teoria que daria conta de analisar os fatores internos e externos de um dado fenômeno. A esta teoria se deu o nome de *Teoria da Variação e Mudança Linguísticas* (doravante TVM).

No Brasil, esse campo de estudo tem revelado importantes pesquisas – e, conseqüentemente, temas linguísticos –, as quais se ampliaram ainda mais a partir da publicação do livro “A pesquisa sociolinguística”, de Fernando Tarallo (2007 [1986]). Com base nesses pressupostos, um dentre os fenômenos linguísticos mais estudados é o uso do sujeito pronominal, mais especificamente, a sua omissão (1a) ou o seu preenchimento (1b)¹.

1a. \emptyset (eu) defendi sempre o palavrão...;

1b. [eu] acho que o palavrão...

Vários trabalhos sobre esse fenômeno foram realizados, destacando-se os estudos de Duarte (2018 [1993], 1995, entre outros). Duarte (2018 [1993]), por exemplo, ao analisar diacronicamente o sujeito pronominal no Português Brasileiro (doravante PB), a partir de textos de peças teatrais, utiliza esses resultados como um

¹ Dados extraídos (e adaptados) do material analisado nesta pesquisa.

dos pontos de partida para o desenvolvimento de sua tese (Duarte, 1995), que defende a perda do “Princípio Evite Pronome”².

Apoiada especialmente no texto de Duarte (2018 [1993]) sobre a trajetória do sujeito no PB, do nulo ao pleno, a presente pesquisa se propõe a contribuir com a visibilidade do fenômeno em questão, observando-o em uma situação interativa que ainda não foi suficientemente explorada pela Linguística, a entrevista televisionada³.

Duarte (1995) menciona que a peça de teatro, embora não reproduza fielmente a fala espontânea, aproxima-se bastante dela. Partindo dessa consideração, se pensarmos em especial na fala de pessoas entrevistadas, e levando em consideração que temos como foco a análise de entrevistas advindas do *Programa do Jô*⁴, podemos considerar que as entrevistas televisionadas, no *continuum* estilístico de gêneros do domínio discursivo jornalístico, ocupam uma posição que se relaciona mais ao extremo da fala, sendo produzidas e recebidas com menor grau de monitoramento e menor formalidade (Biazolli, 2016), embora ainda possam ter determinado grau de monitoramento diante do contexto.

A fala produzida em uma entrevista televisionada, como a do tipo examinado aqui, pode se aproximar de um falar vernacular, objeto de estudo ideal de uma análise sociolinguística. O vernáculo, segundo Tarallo (2007 [1986]), se refere à língua falada em situação natural de comunicação. No entanto, para coletar dados linguísticos vernaculares, o pesquisador se depara com um problema contínuo, chamado de “paradoxo do observador”, pois

(...) o objetivo da pesquisa linguística na comunidade é verificar como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas; mas só podemos obter esses dados através da observação sistemática (Coelho *et al.*, 2010, p. 116).

² Segundo a autora, esse princípio leva à não representação fonológica do sujeito sempre que sua plena identificação for possível. Sendo assim, ao ser perdido, o sujeito nulo deixa de ser obrigatório, sendo utilizado cada vez menos.

³ Cabe destacarmos que a entrevista televisionada já tem sido fonte de extração de dados de alguns estudos linguísticos. A própria Duarte (2018 [1993], 1995) menciona alguns resultados originários de análise de entrevistas de TV, registrados inicialmente em seu manuscrito, de 1991, intitulado “O sujeito nulo referencial em entrevistas de TV”. Entretanto, em termos gerais, muitos aspectos estruturais e funcionais das entrevistas televisionadas ainda podem ser mais bem explorados por estudos de língua.

⁴ O *Programa do Jô* foi um programa de televisão brasileiro apresentado pelo comediante Jô Soares. Foi produzido pela TV Globo e exibido originalmente de 3 de abril de 2000 a 16 de dezembro de 2016. Tinha como característica principal a presença do humor nas entrevistas (Cf. essa e outras informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Programa_do_J%C3%B4. Acesso em: 24 jan. 2024).

Sendo assim, apesar das falas produzidas em entrevistas televisionadas aproximarem-se da variante vernacular de cada participante, principalmente no caso dos entrevistados, ainda existe um grau de monitoramento devido à atenção dada à utilização da linguagem no contexto analisado – um programa que irá ao ar, na televisão, sendo exibido para milhares de pessoas.

Objetivamos, portanto, identificar a realização do sujeito pronominal no material selecionado para este estudo, fazendo o levantamento do número de ocorrências e frequências de sujeito nulo e de sujeito expreso nas três pessoas do discurso⁵. Conforme os estudos sobre esse fenômeno demonstram, partimos da hipótese de que, assim como em outros contextos de fala, nas entrevistas televisionadas, a frequência de preenchimento será maior que a de omissão do sujeito, em decorrência da reorganização do sistema pronominal e flexional do PB.

Em resumo, esta pesquisa é de caráter quantitativo, realizada primeiramente através de procedimentos bibliográficos e documentais, para uma melhor compreensão do tema e dos materiais aqui abordados, e, em um segundo tempo, realizada através da identificação, segmentação e análise dos dados.

Além destas palavras introdutórias e das referências, este trabalho está dividido em outras três seções. Na próxima seção, contextualizamos o fenômeno estudado, em algumas línguas naturais, e apresentamos alguns estudos prévios, de autores que contribuíram muito para o entendimento dessa temática no PB.

Em seguida, na terceira seção, explicitamos o universo da pesquisa, ao descrever o *corpus* utilizado, com a abordagem do gênero textual entrevista televisionada, bem como ao situar as variantes⁶ da variável dependente⁷ que desejamos conhecer melhor neste estudo, isto é, a realização do sujeito pronominal.

Na seção seguinte, a quarta, discutimos os resultados iniciais, ou seja, a quantidade de ocorrências e as frequências dos sujeitos pronominais nulos e preenchidos.

⁵ Não está no escopo deste trabalho o controle e a análise de fatores linguísticos e extralinguísticos responsáveis pelas realizações identificadas do sujeito pronominal. Por isso, no subtítulo deste estudo, registramos que ele se refere a resultados iniciais.

⁶ “Variantes: várias maneiras de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade. Conjunto de formas linguísticas que compõem uma variável (...)” (Tarallo, 2007 [1986], p. 88).

⁷ A *variável dependente* se refere à “(...) variável que se deseja conhecer melhor e que é influenciada pela presença ou ausência de outros fatores” (Bagno, 2017, p. 473). Bagno complementa: “Esses fatores (os atributos sociais dos falantes como **idade**, **classe social**, **sexo** etc., além de fatores contextuais e estilísticos) constituem **variáveis independentes**” (Bagno, 2017, p. 473).

Por último, nas considerações finais, voltamos à hipótese supracitada, para confirmá-la ou não, e abrimos espaço para a sugestão de caminhos a pesquisas posteriores.

2 Apresentação do objeto de estudo: o sujeito pronominal

Para compreender melhor a realização do sujeito pronominal nas línguas naturais, é necessário, em princípio, apresentar brevemente algumas teorias linguísticas que buscam explicar a ocorrência de certas estruturas em detrimento de outras – no caso, a ocorrência de sujeito pronominal nulo vs. a ocorrência de sujeito pronominal expreso.

Inicialmente, podemos citar a teoria de Princípios e Parâmetros, concebida em 1981 pelo pesquisador estadunidense gerativista Chomsky, que propôs uma abordagem melhorada para suas descobertas anteriores. De forma breve, a teoria busca explicar a aquisição da linguagem pelos seres humanos, partindo do pressuposto de que as línguas naturais possuem algumas similaridades e divergências entre si, isto é, princípios e parâmetros, respectivamente.

Sendo assim, para Chomsky (1981), os princípios podem ser entendidos como regras estruturais fixas, inatas a todas as línguas, como o princípio dos sujeitos, que diz respeito à realização de sujeitos nas orações de línguas naturais – uma semelhança mais que coincidente entre elas (Kenedy, 2013).

No entanto, com relação a esse princípio, existe um parâmetro, ou uma divergência, específico que se diferencia entre as línguas, dividindo-as — para os linguistas gerativistas — em dois grandes grupos, os quais buscam compreender a gramaticalidade da omissão ou do preenchimento do sujeito. Assim, o Parâmetro do Sujeito Nulo (pro-drop) é compreendido como “a possibilidade de o sujeito não ser realizado foneticamente” (Wildner, 2009, p. 37). Em outras palavras, em línguas pro-drop, como o Italiano e o Espanhol, é possível identificar o sujeito pronominal a partir de desinências flexionais e a concordância encontrada em outros elementos da oração, como nos verbos. Já em línguas não pro-drop, como o Inglês e o Francês, frases formadas por sujeito nulo são consideradas agramaticais.

Embora línguas como o Italiano e o Espanhol sejam consideradas [+pro-drop], existem formas linguísticas em que o sujeito é preenchido, para fins de ênfase e contraste ou para desfazer alguma ambiguidade (Soares da Silva, 2006). Além disso, Chomsky (1981 *apud* Soares da Silva, 2006) estipulou algumas propriedades que caracterizam as línguas [+pro-drop], sendo que, sem a presença destas, as línguas

naturais podem ser categorizadas como [-pro-drop]. As propriedades estipuladas são exemplificadas por Chomsky (1981 *apud* Soares da Silva, 2006, p.19-20) deste modo:

a) sujeito nulo pronominal

(1) _____ Ho trovato il libro

b) inversão livre (*sic*) do sujeito

(2) Ha mangiato Giovani

c) movimento longo de *qu-* (sujeito)

(3) L'uomo [che_i mi domando [chi ______i abbia visto]].

d) pronomes resumptivos (de retomada) vazios em orações subordinadas

(4) Eco la ragazza_i [che mi domando [chi crede [che ______i possa SV]]].

e) violações aparentes do filtro “*that-trace*”

(5) Chi_i credi [che ______i partirà].

Essas propriedades elaboradas pelo autor foram amplamente discutidas e, como observado em estudos posteriores, a saber em Huang (1984 *apud* Duarte, 2018 [1993]), diversas línguas, como o Chinês, vêm demonstrando incongruências acerca das propriedades desse parâmetro com relação às línguas consideradas [+pro-drop] ou [-pro-drop].

No PB, o fenômeno da realização do sujeito pronominal também passou a ser estudado por muitos cientistas da língua, tais como Lira (1988), Paredes Silva (1988, 2007), Duarte (2018 [1993], 1995), Nunes de Souza *et al.* (2010), Duarte, Mourão e Santos (2012), entre outros. Vale ressaltar que tais estudos têm propriedades teórico-metodológicas distintas, embasando-se em diversos autores para contribuir com a descrição do fenômeno em questão.

Entretanto, apesar das particularidades, podemos observar que a maioria dos pesquisadores, alguns mais e outros menos, em seu referencial teórico e metodológico, baseiam-se em princípios da TVM (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]).

A TVM (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]) entende a língua como um sistema linguístico heterogêneo, em que essa heterogeneidade não é “caótica”, mas, sim, ordenada. Em outras palavras, há relações entre a realização das variantes de um determinado fenômeno e fatores intralinguísticos e extralinguísticos — as

conhecidas variáveis independentes⁸ —, o que é capaz de dar subsídios para refletir sobre as “causas e consequências” do uso de uma variante, dentro de um determinado contexto.

Ainda, a TVM também permite o estudo dos fenômenos linguísticos a partir da relação entre a diacronia e a sincronia. Ou seja, ao estudar um fenômeno, é possível analisar as relações criadas entre a mudança variacional que ocorre em um determinado momento (sincronicamente) e também a que ocorre na estrutura linguística ao longo do tempo (diacronicamente)⁹.

No que se refere ao sujeito pronominal, muitos estudos têm demonstrado que o PB caminha para uma classificação não binária (parcial) com relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo, devido à sua mudança diacrônica.

Para Duarte (2018 [1993], 1995), ao conceber a relação direta entre a teoria linguística explicada por Chomsky (1981) e a TVM (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), essa mudança é ocasionada pelo enfraquecimento das posições pronominais, com o advento de novas formas (*você* e *a gente*) e, conseqüentemente, a perda de certas flexões verbais. Dessa forma, como descrito em seus trabalhos (Duarte, 2018 [1993], 1995), algumas formas pronominais ainda resistem ao preenchimento do sujeito, enquanto outras são acompanhadas da categoria preenchida, tanto em produções faladas como escritas.

Duarte (2018 [1993]) analisou peças de teatro carioca populares, escritas durante o século XIX e XX, mais especificamente entre 1845 e 1992, e foi capaz de selecionar grupos de fatores variáveis para um entendimento mais profundo da trajetória do sujeito no PB. Com relação à variável *peças do discurso*, seus resultados apontaram que a segunda pessoa foi a que teve as mudanças percentuais mais significativas, se comparássemos a omissão ou o preenchimento do sujeito pronominal. Isso ocorreu, para a autora (Duarte, 2018 [1993]), devido às formas pronominais *você* e *a gente*, incorporadas a partir da primeira metade do século XX, que utilizam empréstimos das desinências verbais de outras pessoas, como “*você* (2ª pessoa do singular) *canta* (3ª pessoa do singular)” e “*a gente* (1ª pessoa do plural)

⁸ Cf. a nota de rodapé anterior.

⁹ De acordo com Bagno (2017, p. 83), entretanto, “as correntes atuais de investigação linguística criticam a dicotomia diacronia/sincronia e preferem se referir a **pancronia**, uma vez que, como já comprovaram as investigações sociolinguísticas, num mesmo recorte temporal convivem, em **variação**, formas linguísticas antigas, formas mais recentes e formas em processo de **mudança**.”

canta (3ª pessoa do singular)”¹⁰. Na primeira pessoa, o fenômeno afetou similarmente o preenchimento do sujeito, mas de forma moderada (Duarte, 2018 [1993]). Já na terceira pessoa, a menos afetada, foi possível notar uma certa resistência ao sujeito pronominal preenchido. Contudo, Duarte (2018 [1993]) também averiguou que tal resistência depende de outras variáveis, como o *traço semântico* [+humano] ou [-humano].

Em outro estudo, Duarte e Reis (2018) analisaram a fala de 5 informantes cariocas, buscando comparar seus resultados com os obtidos previamente pelas pesquisas de Duarte. Assim, ao analisarem restrições como *faixa etária* dos entrevistados, os autores corroboraram seus dados com os resultados anteriores, e ainda se aprofundaram em uma análise minuciosa da terceira pessoa do discurso, aquela que ainda apresentava alguma oposição ao sujeito expresso.

Com isso, levantaram uma questão importante sobre o uso de pronomes pessoais de terceira pessoa: ao contrário dos casos de primeira e segunda pessoas que são dêiticos, os pronomes de terceira pessoa são anafóricos (Duarte; Reis, 2018). Em outras palavras, para melhor compreender e identificar as pessoas, a partir do uso de pronomes pessoais do caso reto de primeira e segunda pessoas, como *eu* e *você*, respectivamente, é necessário conhecer o contexto em que foram utilizados (2a, 2b).

2a. Depois [**eu**] fui dirigir a Fundação X, de onde [**Ø**] saí no ano passado, quando [**Ø**] fui requisitado também para a Secretaria X, onde [**Ø**] dirigi durante seis meses essa Secretaria. (Duarte; Reis, 2018, adaptado)

2b. [**Você**] falou que [**Ø**] não gosta de cozinhar. (Duarte; Reis, 2018, adaptado)

Por outro lado, os pronomes de terceira pessoa são anafóricos, ou seja, fazem referência a um termo antecedente, retomando um elemento anteriormente citado no discurso. Sendo assim, comportam-se de forma diferente quando levantadas as questões da ocorrência do sujeito pronominal (3a).

3a. E [**ele**] tinha que ir à luta. [**Ø**] Se atirou de peito aberto. (Duarte; Reis, 2018, adaptado).

¹⁰ Também há a possibilidade de utilizar “*a gente*” com a desinência verbal de 1ª pessoa do plural, por exemplo, “*a gente* (1ª pessoa do plural) *cantamos* (1ª pessoa do plural)”.

A partir dos resultados obtidos, elencaram as restrições estruturais que mais contribuíram para o preenchimento do sujeito de 3ª pessoa, tendo sido elas o *padrão sentencial*, os *feixes dos traços semânticos* e a *estrutura do sintagma complementizador* (CP). Os autores afirmaram que, a partir das análises, a mudança da 3ª pessoa apresentava um curso mais lento, não estando relacionada a fatores sociais, pois um sujeito exposto não é percebido, e, por isso, não carrega estigma, o que favorece a sua inserção no sistema linguístico (Duarte; Reis, 2018).

Anteriormente a eles, Lira (1988 *apud* Massariol, 2018) também já havia analisado dados de preenchimento dos sujeitos pronominais, comparando-os entre língua falada e língua escrita. Para isso, a autora coletou as amostras a partir de entrevistas com cinco mulheres, e também a partir de cartas familiares escritas por essas mesmas mulheres, naturais do Rio de Janeiro. Assim, ela analisou essa comparação para entender em qual modalidade o preenchimento do sujeito pronominal era mais frequente.

Confirmando suas hipóteses iniciais, a autora comprovou que na modalidade falada o sujeito pronominal é mais comumente preenchido, em razão da baixa referencialidade encontrada na fala. Já na escrita, o texto consegue ter mais elementos referenciais sem causar ambiguidade, o que resultou em uma maior frequência da omissão do sujeito pronominal (Lira 1988 *apud* Massariol, 2018).

Outro estudo que merece destaque é o de Paredes Silva (1988 *apud* Massariol, 2018). A autora partiu de uma análise funcionalista, voltada às pessoas do discurso, baseada em Benveniste (1985). Em seus resultados, com relação à primeira e à segunda pessoa, a variação entre preenchimento e omissão do sujeito pôde ser considerada binária e a preferência por uma ou outra variante relacionou-se à ambiguidade. No caso da terceira pessoa, os fatores se complicaram, considerando que a terceira pessoa do discurso era uma “não pessoa”, fora do eixo falante/ouvinte.

Além disso, as principais hipóteses que a autora buscou investigar foram a *ambiguidade*, a *ênfase* e a *conexão discursiva*, sendo esta última entendida através de uma escala estabelecida por ela própria, que considerou seis graus de conexão.

Assim, para Paredes Silva (1988 *apud* Massariol, 2018, p. 32),

Se os estudiosos de outras tendências têm classificado o português como língua de sujeito vazio (pro-drop), é porque sempre o têm examinado do ponto de vista morfológico, em termos dos paradigmas de flexão do verbo, ou de um ponto de vista sintático, em que no máximo são observadas relações de correferência em orações vizinhas. Com base em evidências desse tipo, que tomam as formas fora do discurso, poderemos ser levados, de fato, a concluir que o português é uma língua que permite opcionalmente usar-se o sujeito ou não. Entretanto, considerando-se o uso real dos falantes e o “empobrecimento” das marcas flexionais, vamos encontrar justificativas mais apropriadas para classificar o português como língua que permite o sujeito vazio em características provenientes do discurso. Isto é, a ausência do sujeito da frase tem nos condicionamentos discursivos sua justificativa mais forte. (PAREDES SILVA, 1988, p. 296).

Outro aspecto relevante levantado por Paredes Silva (1988 *apud* Massariol, 2018) foi a condição de *paralelismo*, que influencia a simetria das orações, sendo que, desse modo, se havia uma menção ao sujeito de forma preenchida, na sua sequência, a tendência era continuar preenchendo e não omitir o sujeito.

Ainda é possível citar o trabalho de Nunes de Souza *et al.* (2010), no qual foi realizada uma análise linguística de textos escritos por estudantes da cidade de Florianópolis. A partir de variáveis independentes como *escolaridade*, *pessoa do discurso*, *forma de realização pronominal* e *concordância verbal*, as autoras tiveram resultados que reafirmaram os estudos anteriores sobre a preferência pelo preenchimento do sujeito (Nunes de Souza *et al.*, 2010).

Com relação à variável *escolaridade*, os resultados obtidos apontaram que quanto mais baixa fosse a escolaridade dos informantes, maior seria a tendência ao preenchimento do sujeito. Por isso, as autoras mantiveram a hipótese de que, na escola, os estudantes tendem a aprender sobre a variável sujeito nulo “como forma de se conseguir coesão textual” (Nunes de Souza *et al. apud* Farias, 2020, p. 47).

Vale ressaltar que um dos pontos mencionados pelas autoras, a partir da análise dos resultados, foi a preferência pelo sujeito preenchido para solucionar a ambiguidade, gerada pelo enfraquecimento das concordâncias em recuperar o referente, o que se relaciona com os trabalhos expostos anteriormente de Paredes Silva (1988) e Duarte (1995).

Perpetuando os estudos de Duarte (1995), os autores Duarte, Mourão e Santos (2012 *apud* Farias, 2020) também analisaram com mais profundidade a 3ª pessoa do discurso.

Para isso, os autores utilizaram alguns padrões de sentença que embasaram suas análises a partir de dois lados distintos: um estrutural, e outro semântico. No quadro abaixo, temos os padrões sintáticos observados no estudo (Duarte, Mourão, Santos 2012 *apud* Farias, 2020):

Quadro 1. Padrões de referência

Padrão 1	Padrão 2	Padrão 3	Padrão 4
O referente se encontra no mesmo período da oração precedente, e é sujeito dessa oração.	O referente se encontra em oração subjacente, e é sujeito ou tópico discursivo.	Uma ou mais orações separam o referente da elipse, sendo o referente, portanto, sujeito de uma oração não adjacente.	Há a presença do referente na oração adjacente, mas não com função de sujeito.

Fonte: Elaborado com base em Duarte, Mourão, Santos (2012 *apud* Farias, 2020)

Além disso, os autores também observaram padrões semânticos dos referentes, com base nas características [+/- humano] e [+/- específico]. Os resultados continuaram apontando para uma mudança em curso do sujeito pronominal, tendo preferência para sujeitos preenchidos.

Assim, nas análises, foi verificado que os padrões 3 e 4, respectivamente, favoreciam mais o preenchimento do sujeito, o que contribuiu para a hipótese de que o sujeito preenchido é favorecido a fim de evitar ambiguidades, pois os referentes encontram-se mais afastados ou menos específicos dentro das orações. Por outro lado, os padrões 2 e 1, respectivamente, foram os que menos favoreceram o preenchimento do sujeito, tendo em vista sua proximidade maior ao antecedente dentro da oração ou em oração subjacente.

A respeito dos traços semânticos, os que mais favoreceram o uso do sujeito preenchido nas orações foram o [+ humano/ + específico], seguido do [+ humano/ - específico]. Em terceiro e quarto lugar ficaram os traços [- humano/ + específico] e [- humano/ - específico], respectivamente (Duarte, Mourão, Santos, 2012 *apud* Farias, 2020).

Estudos mais recentes, como o de Othero (2020 *apud* Silva, 2021) e o de Silva (2021), buscaram analisar a expressão ou a omissão do sujeito em orações de dupla negação, facilmente encontradas na fala vernacular do PB. Os dados coletados apontaram que, indo na contramão dos resultados demonstrados por estudos anteriores, nas frases com dupla negação, o sujeito nulo permanece favorecido. Esse resultado pôde ser relacionado à gramaticalização dos elementos à esquerda do verbo:

No caso da dupla negação, a literatura tem sugerido que o primeiro elemento negativo está passando por um processo de gramaticalização, perdendo sua carga fonética e semântico-pragmática, o que estaria possibilitando que seja usado para outra função: preencher foneticamente a margem esquerda do sintagma verbal, destinada canonicamente ao sujeito em PB (Othero, 2020 *apud* Silva, 2021, p. 28).

Ainda, em sua própria pesquisa, Silva (2021) estudou a ocorrência dos sujeitos pronominais em sentenças de negação simples e canônica. Seus resultados confirmaram os de Othero (2020 *apud* Silva, 2021) pela preferência do sujeito nulo (53%) ao sujeito preenchido (47%) nas sentenças que apresentavam algum elemento de negação.

Feitas essas considerações, provenientes da busca por uma melhor compreensão do objeto deste estudo, ficam evidentes os múltiplos aspectos que devem ser observados para uma análise coerente do fenômeno da realização do sujeito pronominal, sejam eles internos ou externos ao sistema – para além de confirmarmos a profusão de trabalhos existentes sobre o tema.¹¹

Nesta pesquisa, devido ao recorte metodológico feito, ainda que não nos voltemos a uma análise refinada do fenômeno, controlando fatores que o motivam, os apontamentos desta seção são pertinentes para a identificação das variantes no material selecionado.

A seguir, apresentamos o *corpus* e outras questões metodológicas.

¹¹ No mês de julho de 2023, realizamos consultas simples em repositórios on-line e encontramos mais de 60 estudos sobre o sujeito pronominal. Mesmo sem chegarmos a uma lista exaustiva, percebemos que, a partir dos anos 2000, houve um crescimento significativo de pesquisas interessadas pelo tema do sujeito pronominal, reflexo das importantes contribuições feitas por Duarte (2018 [1993], 1995).

3 Procedimentos metodológicos

3.1 A caracterização do *corpus* utilizado: a entrevista televisionada

Nesta seção, explicitamos o *corpus* utilizado. Para isso, baseamo-nos no estudo de Biazolli (2016), pois as entrevistas televisionadas utilizadas nesta pesquisa foram organizadas pela autora, para o uso em sua tese de doutorado.

As entrevistas analisadas pertencem ao domínio discursivo jornalístico. Segundo Marcuschi (2002, p. 23-24)

Usamos a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses *domínios* não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles.

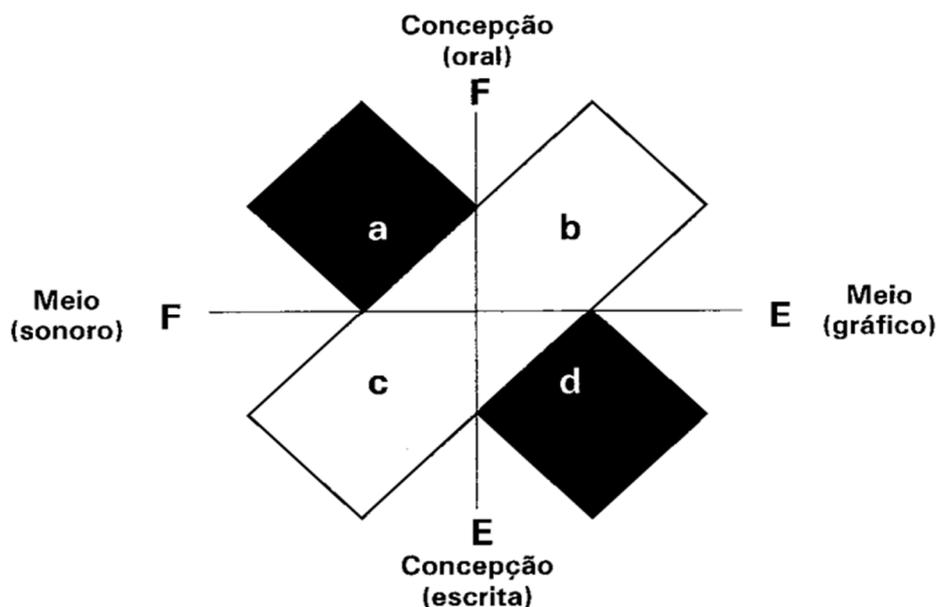
As entrevistas televisionadas são, portanto, um dos vários gêneros que representam atividades jornalísticas. Gêneros, a partir das noções de Bakhtin (1992 [1979] *apud* Biazolli, 2016), são entendidos como formas relativamente estáveis de enunciados, sendo estes orais ou escritos, que se constituem amparados em três pilares. São eles: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Para um entendimento de cada gênero, devemos considerá-lo de acordo com as suas condições de produção e de recepção.

Em relação a essas condições, Marcuschi (2008, 2010 [2001] *apud* Biazolli, 2016) destaca dois domínios linguísticos (fala e escrita) em que se encontram os gêneros, ressaltando que tanto a fala como a escrita se dão em dois contínuos. De acordo com Biazolli (2016, p. 104),

(...) segundo Marcuschi (2008, 2010), diante da ampla variedade de acontecimentos em uma comunidade, há, por um lado, gêneros textuais produzidos em condições naturais nos mais diversos domínios discursivos das duas modalidades – fala e escrita –, e, por outro, gêneros constituídos a partir de mesclagens da relação fala/escrita, visto que os textos que materializam esses gêneros apresentam entrecruzamentos provenientes das suas condições de produção e de recepção.

Nesse sentido, convém reproduzirmos a conhecida figura de Marcuschi (2010 [2001]) que, em forma de plano cartesiano, dá a ideia das relações mistas dos gêneros, a partir dos postulados *meio* e *concepção*, “(...) tendo em vista que a fala é de concepção oral e meio sonoro, ao passo que a escrita é de concepção escrita e meio gráfico” (Marcuschi, 2010 [2001], p. 39) – cf. figura abaixo.

Figura 1. Plano cartesiano “concepção/meio e fala/escrita” proposto por Marcuschi



Fonte: Marcuschi (2010 [2001], p. 39)

Nessa figura, segundo o autor,

(...) temos que “a” é o domínio do tipicamente *falado (oralidade)*, seja quanto ao meio e quanto à concepção. Já a sua contraparte seria, por exemplo, o domínio “d” correspondente ao tipicamente *escrito*. Por outro lado, tanto “b” quanto “c” constituem os domínios mistos em que se dariam as mesclagens de modalidade (Marcuschi, 2010 [2001], p. 39).

As entrevistas televisionadas, em especial se olharmos para a produção dos entrevistados, encontram-se no domínio do tipicamente falado, uma vez que circulam no meio sonoro e são de concepção oral. Essa natureza da entrevista, colocando-a como um gênero prototípico do domínio “a”, faz com que a caracterizemos como uma

produção que nem sempre envolve tanto o grau de monitoramento dos falantes, conforme explicamos na Introdução deste estudo.¹²

No *corpus* estudado, as entrevistas televisionadas foram selecionadas e transcritas a partir do programa veiculado pela Rede Globo, intitulado *Programa do Jô*, que esteve ao ar durante os anos de 2000 a 2016.¹³

Assemelhando-se a “*talk shows* norte-americanos” (Silva 2009 *apud* Biazolli, 2016), o programa era apresentado pela conhecida figura do humorista Jô Soares – cf. figura 2 –, nascido em 1938 na cidade do Rio de Janeiro. O humorista tornou-se famoso após criar um programa humorístico na rede Record.¹⁴

Figura 2. *Programa do Jô*, transmitido pela Rede Globo



Fonte: Biazolli (2016, p. 130)

Nas entrevistas analisadas, além da participação do entrevistador e do entrevistado, o cenário também era composto por uma plateia e uma banda. As entrevistas examinadas ocorreram em quatro datas distintas no ano de 2009: i) 04 de novembro; ii) 05 de novembro; iii) 07 de novembro e iv) 12 de novembro.

¹² Apesar das falas e reações dos entrevistados poderem ser espontâneas, não podemos deixar de mencionar que, em muitas ocasiões, há a presença de um roteiro pré-estabelecido que orienta a sequência de perguntas e acontecimentos, guiado pelo entrevistador.

¹³ Cf. a nota de rodapé 4.

¹⁴ Cf. essa e outras informações em https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%B4_Soares. Acesso em: 24 jan. 2024).

Na figura a seguir, podemos observar o quadro organizado por Biazolli (2016), para uma melhor compreensão dos episódios e do perfil dos entrevistados:

Figura 3. Quadro descritivo dos entrevistados do *Programa do Jô*

<i>Programa do Jô</i>	Entrevistador: Jô Soares (apresentador, humorista, ator, escritor, artista plástico, diretor teatral, músico)
Data do programa	Entrevistados
04/11/2009	Norival Rizzo (ator) / Luiz Gonzaga Belluzo (economista, professor e presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras)
05/11/2009	Mário Sérgio (cantor) / Ana Maria Braga (apresentadora e jornalista) / Maria Paula (apresentadora, atriz e psicóloga)
07/11/2009	Rogério Skylab (cantor, músico, compositor e poeta) / Wani Oliveira (ex-apresentadora de programa infantil)
12/11/2009	Aldo Felício Naletto Júnior (engenheiro e criador de buzinas diferentes) / Cristiane Torloni (atriz) / José Possi (diretor de teatro)

Fonte: Biazolli (2016, p. 131)

Dados os perfis dos participantes, é possível observar que as entrevistas

(...) ocorrem para que seja divulgada a opinião de um especialista (figura pública ou não) sobre um tema atual ou, ainda, dada a importância de uma personalidade (ou instituição, ou evento social), para que haja autopromoção (Biazolli, 2016, p. 107).

Sobre a transcrição das entrevistas, de acordo com os objetivos da pesquisa, Biazolli (2016) optou pela “transcrição gráfica à fonética”¹⁵; além disso, a autora ainda mencionou que, embora tenha postulado que só utilizaria em seu estudo as falas dos entrevistados, acabou por transcrever e utilizar em suas análises também as falas do entrevistador, visto que, com a restrição inicial, houve inicialmente a coleta de um número reduzido de dados do seu interesse. Com receio de que o mesmo acontecesse neste trabalho – não sendo possível, posteriormente, expandir a coleta, por uma questão de tempo –, desde o início da coleta dos dados, já observamos as produções do entrevistador e dos entrevistados.

Com essas informações, chegamos a analisar um material com 35.777 palavras, representando um total de 4 horas, 36 minutos e 40 segundos de entrevistas televisionadas transcritas.

¹⁵ Cf. Biazolli (2016) para ter informações sobre as convenções de transcrição utilizadas pela autora.

3.2 A variável dependente

A partir do fenômeno de estudo delineado, surge a possibilidade de duas variantes ocorrerem: a omissão ou o preenchimento do sujeito pronominal. Sendo assim, esperamos investigar qual dessas duas variantes será a mais frequente nas entrevistas televisionadas aqui examinadas, supondo que, de acordo com os trabalhos já apresentados neste estudo, encontraremos uma recorrência maior da variante *preenchimento do sujeito*.

Para isso, limitamos as nossas análises à omissão ou ao preenchimento de sujeitos pronominais do caso reto, de todas as pessoas do discurso, ou seja, primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa, no singular e no plural (4a, 4b, 4c, 4d, 4e, 4f)¹⁶:

4a. \emptyset [eu] acho que sim..;

4b. como é que \emptyset [nós] vamos tirar o trator?;

4c. \emptyset [você] lembra do nome do / desse personagem?

4d. que \emptyset [vocês] não fiquem com ódio de mim...

4e. e \emptyset [ela] tava perdendo de uns cinco a um mais ou menos no Canindé...

4f. daqui a pouco... \emptyset [eles] tiveram lá um desaguizado como se diz... um desentendimento...

As formas pronominais de segunda pessoa “tu” e “vós” não foram encontradas nos dados analisados, sendo visivelmente substituídas pelas variações “você” e “vocês”. Essas variações, como explica Menon (1995), surgiram a partir de uma modificação fonética e de valor semântico, acompanhando a evolução de “Vossa Mercê > você” (Menon, 1995, p. 95). A autora ainda ressalta que essas formas, mais do que implantadas no PB atualmente, passaram por um processo de evolução e, por serem locuções substantivas nominais, utilizavam os verbos na terceira pessoa, embora fossem usadas para se dirigir ao interlocutor. Por isso, ao tratarmos dos dados da segunda pessoa nesta pesquisa, referimo-nos apenas a estas duas últimas formas, isto é, “você” e “vocês”. Além disso, também encontramos o “cê”, abreviação de “você”, e o “nói”, semelhante a “nós” – ambos os dados foram amalgamados aos seus

¹⁶ Dados extraídos (e adaptados) das entrevistas televisionadas aqui analisadas.

similares. Para entender melhor esta última forma pronominal, apoiamo-nos em Pinto (2022) e Pinto e Berlinck (2022), pois

(...) percebe-se que *nós* sofreu um processo de ditongação, resultando em *nóis*, cujo uso já está consolidado no português brasileiro (HORA e AQUINO, 2012). Por sua vez, essa variante ditongada possivelmente sofre a supressão de /S/ em coda, gerando a forma *nói*. (Pinto; Berlinck; 2022, p. 39)

Ainda, a utilização do pronome “a gente”, que designa a primeira pessoa do plural, também foi contabilizada em nossas análises.

Com isso, levando em consideração as ocorrências e as frequências das variantes em cada pessoa do discurso, também supomos que as 1ª e 2ª pessoas permitirão mais o preenchimento, enquanto a 3ª pessoa será mais resistente ao sujeito expresso, como demonstra Duarte (1995, 2018).

Devido à ampliação das formas pronominais, em que particularmente os pronomes “tu” e “você” e “nós” e “a gente” passaram a coexistir, os tempos e paradigmas verbais sofreram sincretismos, em especial entre a 2ª e a 3ª pessoa, em que já não é mais possível identificar o sujeito a partir da sua partícula de concordância (Duarte, 2018 [1993], 1995).

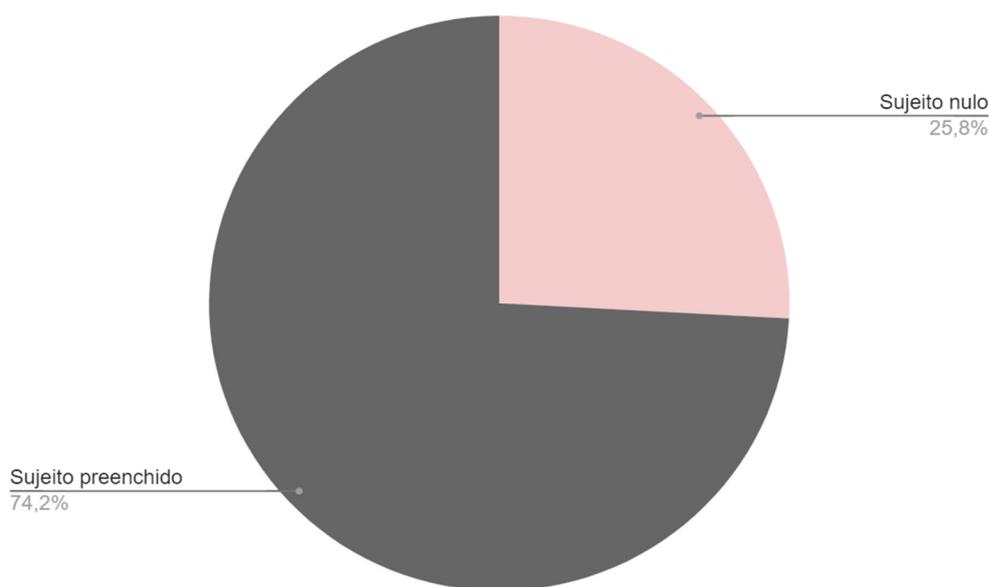
Partimos, então, à apresentação dos resultados.

4 Resultados e análises

Após a coleta dos dados, através da leitura minuciosa do *corpus*, e sua sistematização, com auxílio da ferramenta *Excel*, obtivemos resultados que, a princípio, comprovam que há uma predileção pelo sujeito pronominal preenchido, em detrimento do sujeito pronominal nulo, no material aqui analisado, que representa o gênero entrevista televisionada, essencialmente um gênero oral. Esse resultado reafirma os resultados de pesquisas anteriores, apresentadas na segunda seção deste trabalho.

No geral, foram levantados 2426 dados, sendo 627 de sujeito pronominal nulo, contra 1799 de sujeito pronominal preenchido. Os índices percentuais desses dados podem ser representados pelo gráfico a seguir:

Gráfico 1. Dados gerais percentuais de sujeito pronominal nulo e sujeito pronominal preenchido nas entrevistas televisionadas



Fonte: Elaborado pela autora

Através da avaliação desse gráfico, percebemos que, em mais da metade das ocorrências gerais, o sujeito pronominal aparece preenchido. Esse resultado corrobora os estudos anteriores (Lira, 1988; Duarte, 2018 [1993], 1995; Duarte; Reis, 2018), principalmente ao reafirmar a preferência pelo uso do sujeito pronominal preenchido em contextos tipicamente falados, como é o caso dos gêneros estudados

anteriormente (peças de teatro, entrevistas sociolinguísticas) e do gênero entrevista televisada, *corpus* analisado nesta pesquisa.

Ao avaliarmos individualmente cada uma das quatro entrevistas que compuseram o *corpus*, notamos que as frequências de sujeito pronominal nulo alcançam índices uniformes (cf. tabela 1), aproximando-se inclusive da frequência desse pronome no total de dados (25,8%). Em termos gerais, em cada uma das entrevistas, a frequência de sujeito pronominal nulo gira em torno de 25%, como descrito na tabela abaixo:

Tabela 1. Ocorrências e frequências de sujeito pronominal nulo (vs. sujeito pronominal preenchido) em cada uma das entrevistas televisadas

Variantes	Entrevista 1	Entrevista 2	Entrevista 3	Entrevista 4	Total geral
Sujeito pronominal nulo	204	170	115	138	627
Sujeito pronominal preenchido	529	496	380	394	1799
Total de dados	733	666	495	532	2426
Percentual de nulo sobre preenchido	27,83%	25,52%	23,23%	25,93%	25,84%

Fonte: Elaborada pela autora

As frequências uniformes em todas as entrevistas podem retratar como o gênero *entrevista televisada* é capaz de situar a fala dos participantes envolvidos, pois, independentemente do perfil dos entrevistados, seu gênero, faixa etária, sua escolaridade e grau de monitoramento, todos frequentemente optaram pelo preenchimento do sujeito pronominal em suas produções.

Na sequência, verificamos a distribuição das variantes de acordo com as pessoas do discurso.

Tabela 2. Ocorrências de sujeito pronominal nulo e de sujeito pronominal preenchido por pessoa do discurso nas entrevistas televisionadas

Variantes	1ª p.s.	2ª p.s.	3ª p.s.	1ª p.p. ¹⁷	1ª p.p. ¹⁸	2ª p.p.	3ª p.p.
Sujeito pronominal nulo	224	72	216	48	11	2	54
Sujeito pronominal preenchido	887	380	305	34	112	23	58
Total	1111	452	521	82	123	25	112

Fonte: Elaborada pela autora

O número de dados coletados de primeira e segunda pessoas do discurso foi maior do que o número encontrado de terceira pessoa. Isso se dá pela natureza do material analisado, que contempla diálogos entre indivíduos – no caso, entre duas pessoas (entrevistador e entrevistado). As entrevistas televisionadas utilizadas incitam o uso dos pronomes referentes às duas primeiras pessoas do discurso para delimitar a interação, a troca de ideias entre elas – em especial, observamos o significativo uso da primeira pessoa do singular (1111 dados) para falar de si mesmo (cf. exemplos abaixo).

5a. \emptyset (eu) não acho que [**você**] tem uma visão só... machista no pior sentido da palavra... por dizer palavrão porque a mulher também... [**eu**] acho que o palavrão... está na cabeça de quem diz não tá?

5b. \emptyset (eu) saí sorrindo né Jô... [**vo**cê] sabe que não é assim...

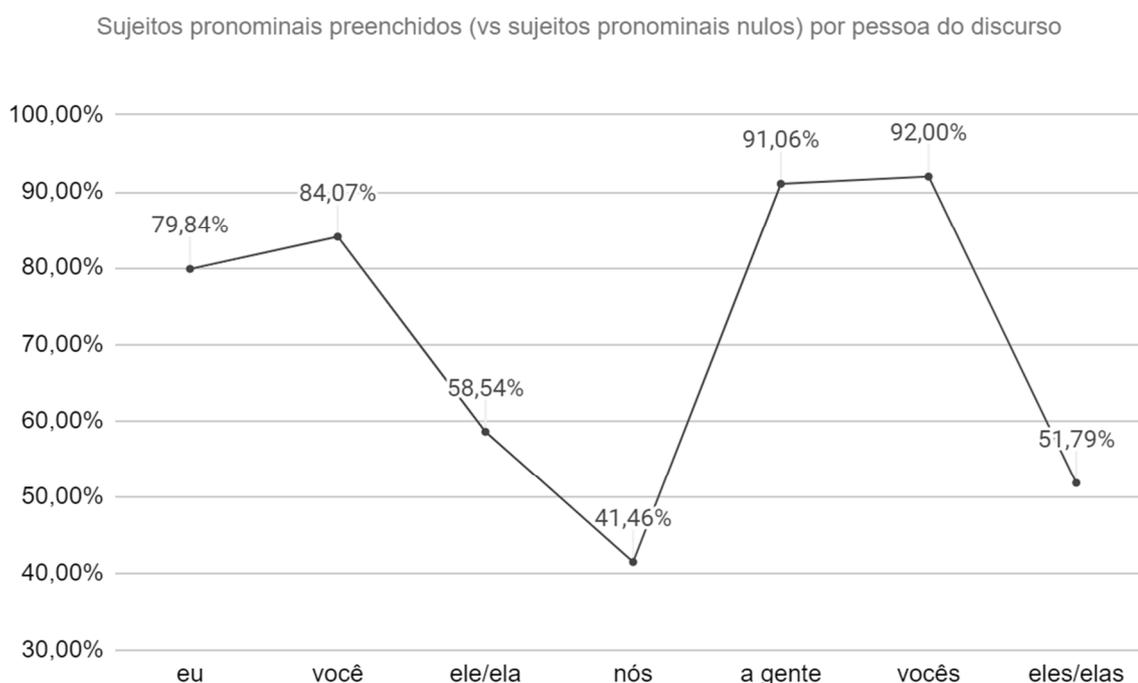
Como mencionado na seção anterior, os dados com as formas pronominais “tu” e “vós” no *corpus* examinado foram inexistentes, demonstrando o desuso de tais pronomes, tendo em vista propostas de trabalhos anteriores (Duarte, 1995) e o recorte temporal das entrevistas televisionadas aqui analisadas, datadas do início do século XXI.

¹⁷ 1ª p.p. = nós

¹⁸ 1ª p.p. = a gente

Por último, a fim de verificarmos a presença (ou não) de resistência no *corpus* ao sujeito pronominal preenchido, conferimos a realização dessa variante segundo as pessoas do discurso, como explicitado no gráfico a seguir.

Gráfico 2. Sujeitos pronominais preenchidos (vs. sujeitos pronominais nulos) por pessoa do discurso



Fonte: Elaborado pela autora

Analisando o gráfico acima, verificamos certa resistência da terceira pessoa, tanto no singular quanto no plural, no que se refere ao preenchimento do sujeito pronominal, já observada por estudos anteriores (Duarte; Reis, 2018), em especial se a consideramos em relação às demais pessoas do discurso. Por outro lado, notamos também que o pronome de primeira pessoa do plural, o “nós”, é o que apresenta a menor frequência de sujeito expresso. Isso pode ser explicado devido à forte, e ainda recorrente, presença de desinência verbal, como no exemplo 6. Em conjunto a essa observação, destacamos o alto índice de preenchimento do “a gente”, reforçando a ideia de que, pela sua conjugação tomar emprestada a forma verbal da terceira pessoa do singular, o seu uso pleno evitaria a ambiguidade – como no exemplo 7.

6. A latinha não subiu... a latinha veio pra minha perna porque \emptyset (nós) éramos vizinhos \emptyset (nós) brincávamos juntos...

7. isso é uma coisa que **[a gente]** começou a ver... por causa da televisão... aquilo sempre foi assim né... é que **[a gente]** não via...

Embora os resultados careçam de aprofundamentos, é possível dizer que apontam a confirmação da hipótese inicial, e corroboram outros estudos já mencionados, de que o PB, com a preferência pelo sujeito pronominal preenchido até então vista, está caminhando para um sistema de sujeito nulo parcial, não de forma uniforme, principalmente com relação às pessoas do discurso, mas de forma gradativa. Posteriormente, para que se confirme a transição completa do PB para uma língua de sujeito pronominal exposto, caso algum dia isso venha a ocorrer, serão necessárias ainda muitas pesquisas e análises, abrindo espaço para um amplo debate sobre esse importante fenômeno.

5 Considerações finais

Buscamos, com este trabalho, aprofundar as pesquisas sobre o fenômeno do sujeito pronominal no PB, antes considerado língua de sujeito nulo, demonstrando o caminho percorrido para sua remarcação como uma língua de sujeito nulo parcial, como já avaliado por outros trabalhos (Duarte, 1995, 2018 [1993], 2020; Nunes de Souza et al., 2010; Farias, 2020; entre outros).

Assim, ao levantarmos os resultados iniciais de ocorrências e frequências de sujeitos pronominais nulos e preenchidos nos textos jornalísticos aqui examinados, pudemos verificar se, nesse *corpus*, as tendências de aumento do preenchimento do sujeito pronominal se confirmavam, principalmente por se tratar de entrevistas televisionadas datadas do século XXI. Ainda, realçamos a importância de estudos linguísticos fazerem uso do gênero textual entrevista televisionada em suas análises, um gênero tido como prototípico, de meio sonoro e de concepção oral, dentro do *continuum* fala/escrita proposto por Marcuschi (2010 [2001]) (cf. figura 1).

Para o tratamento dos dados, contextualizamos anteriormente a variável dependente a que este estudo se refere, apresentando estudos que tenham abordado a realização do sujeito pronominal com base em aspectos, sobretudo, da TVM (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), partindo das variantes sujeito pronominal preenchido e sujeito pronominal nulo. Também levamos em consideração as *peças do discurso*, buscando comparar a realização das variantes em relação à primeira, à segunda e à terceira pessoas.

Confirmamos a hipótese inicial de que o preenchimento do sujeito pronominal é mais frequente do que a sua omissão, graças à simplificação dos paradigmas flexionais do PB. Entretanto, no que diz respeito às peças do discurso, a nossa segunda hipótese – isto é, se a terceira pessoa seria a que apresentaria maior resistência ao preenchimento do sujeito – foi parcialmente confirmada, pois, como analisado, a primeira pessoa do plural apresentou valores ainda mais baixos para o preenchimento. Relacionamos isso à presença da desinência verbal que indica a primeira pessoa do plural (-mos).

Reconhecemos que, neste trabalho, limitamo-nos a poucas análises, tendo em vista o tempo que seria despendido para uma avaliação que envolvesse a ampliação do *corpus* e, de acordo com o andamento da pesquisa, a ausência dessa

possibilidade. Também não nos voltamos ao controle de variáveis independentes – internas e externas – que, possivelmente, estariam agindo nos dados examinados, motivando a realização de uma ou outra variante, o que, com certeza, nos levaria a interpretações mais refinadas e fidedignas dos resultados.

Por isso, como encaminhamentos futuros, sugerimos aprofundamentos sobre o tema, em especial sobre a sua realização em textos orais vs. textos escritos, observando-o de acordo com a “animacidade do sujeito” e o “tempo verbal”, entre outros grupos de fatores, vistos como importantes para a compreensão dos contextos que licenciam o preenchimento ou a omissão do sujeito pronominal, como demonstrado por Farias (2020). Nesta direção, a de potencializar a pesquisa, sugerimos também, em trabalhos futuros, o uso de programas estatísticos para colaborar com as análises, já que o cerne da TVM é justamente o trabalho quantitativo feito com os resultados, para observar as regularidades que regem o sistema linguístico heterogêneo.

Além do mais, esperamos que, a partir deste trabalho, outros pesquisadores se interessem em analisar e compreender melhor a relação entre os gêneros textuais e o preenchimento do sujeito, cooperando para a descrição e a análise desse fenômeno no PB.

6 Referências

- BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes, 1985.
- BIAZOLLI, C. C. **Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português**: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma. 2016. 381f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2016.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**: The Pisa Lectures. Dordrecht: Foris Publications, 1981.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N. de. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro**. 1995. 151f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018 [1993]. p. 83-103.
- DUARTE, M. E. L. A remarcação em curso no valor do parâmetro do sujeito nulo. **Cuadernos de La Alfal**, n. 12, p. 71-99, nov. 2020.
- DUARTE, M. E. L.; MOURÃO, G. C.; SANTOS, H. M. Os sujeitos de 3ª pessoa: revisitando Duarte 1993. *In*: DUARTE, M. E. L. (org.). **O sujeito em peças de teatro (1833-1992)**: estudos diacrônicos. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 21-44.
- DUARTE, M. E. L.; REIS, E. P. R. Revisitando o sujeito pronominal vinte anos depois. **ReVEL**, vol. 16, n. 30, p. 173-197, 2018.
- FARIAS, A. L. da S. **Um estudo variacionista sobre o sujeito pronominal em dados escritos da cidade de Manaus (AM)**. 2020. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.
- KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LIRA, S. de A. O sujeito pronominal no português falado e escrito. **Revista Ilha do Desterro**, Florianópolis, 20, p.31-43, 1988.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010 [2001].

MASSARIOL, C. B. **A expressão do sujeito pronominal em cartas e postais capixabas do século XX**. 2018. 135f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

MENON, O.P.S. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras**, n.44, p.91-106. Editora da UFPR, Curitiba, 1995.

NUNES DE SOUZA *et al.* O preenchimento do sujeito pronominal em textos escritos de alunos adolescentes de Florianópolis. **Work. pap. linguíst.**, Florianópolis, n. esp.: 94-107, 2010.

OLIVEIRA, T. S. de. Língua e prática social: o posicionamento prefacial de Napoleão Mendes de Almeida. **Textos e debates**, Boa Vista, n.29, p. 2-41, 2016.

PAREDES SILVA, V. L. **Cartas cariocas**: a variação do sujeito na escrita informal. 1988. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

PAREDES SILVA, V.L. Continuidade de referência: nomes, pronomes e anáfora zero em gêneros da fala e da escrita. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 133-158, 2007.

PINTO, L. G. **O que que nói vai fazê cuiisso?** Um estudo sobre alternância pronominal e significados sociais em Muzambinho-MG e em Cabo Verde-MG. 2022. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022.

PINTO, L. G.; BERLINCK, R. de A. “O que que nói vamo falá?”: significados sociais na variação/mudança da expressão de 1ª pessoa plural em duas comunidades urbanas mineiras. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 36-58, 2022.

SILVA, S. M. da. **Sujeitos nulos e pronominais e seu comportamento em sentenças negativas do português brasileiro**. 2021. 46f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SOARES DA SILVA, H. **O parâmetro do sujeito nulo**: confronto entre o português e o espanhol. 2006. 117f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa – Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007 [1986].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WILDNER, A. K. A realização do sujeito pronominal na fala de descendentes de portugueses: abordagem sociolinguística. **Work. pap. linguíst.**, Florianópolis, 10 (2): 35-55, jul.-dez, 2009.